

Indústria gaúcha menos, mas ainda confiante

Indústria gaúcha cresce em fevereiro, mas otimismo diminui

Frustração das expectativas para o crescimento de 2019

Recuperação do mercado de trabalho perde força

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Indústria gaúcha menos, mas ainda confiante

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS), divulgado pela FIERGS, caiu de 66,8 em fevereiro para 64,0 pontos em março. De zero a 100 pontos, valores acima de 50 indicam confiança. Essa foi a segunda queda seguida após o choque de otimismo iniciado em novembro do ano passado e que levou o ICEI/RS, em janeiro de 2019 (67,1 pontos), ao maior nível desde o início de 2010. Portanto, apesar de um novo resultado negativo, a confiança da indústria gaúcha se mantém em patamar elevado.

Todos componentes da confiança (condições atuais e expectativas) mantiveram-se acima dos 50 pontos em março, mas caíram na comparação com fevereiro.

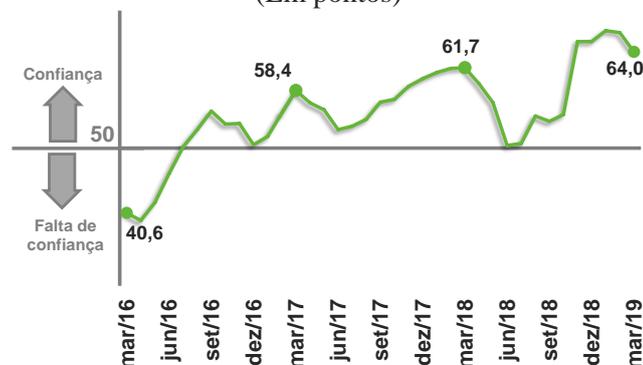
O Índice de Condições Atuais (ICA) caiu 2,2 pontos em março na comparação com fevereiro, para 56,1 pontos. Apesar disso, o índice, acima de 50, mostra que os empresários gaúchos ainda percebem melhora nas condições atuais. O ICA é composto por dois subcomponentes, o índice relativo às condições da economia brasileira (ICA-EB), que caiu 2,6 pontos em relação a fevereiro, alcançando 58,0 pontos em março, e o índice que avalia a situação das empresas (ICA-E), que recuou 2,3 pontos, assinalando 54,9.

Em março de 2019, todos os indicadores de expectativas revelaram que o otimismo prevalece, mas está menos disseminado entre os empresários do que em fevereiro. Nesse período, o Índice de Expectativas para os próximos seis meses (IE) caiu 3,1 pontos para

67,9. Com relação à economia brasileira, o índice (IE-EB) recuou de 70,7 em fevereiro, para 67,0 pontos em março, depois de atingir seu recorde histórico no último mês de janeiro (72,0 pontos). Da mesma forma, sobre a própria empresa, o Índice de Expectativas (IE-E) caiu de 71,2 em fevereiro para 68,4 pontos em março.

A confiança da indústria gaúcha passa por um movimento de acomodação natural após uma sequência de altas expressivas gerada pelo resultado eleitoral do ano passado, embora revele também alguma frustração com o desempenho da economia, além de incertezas em relação ao andamento das reformas. Apesar disso, os dados mostram que os empresários gaúchos avaliam favoravelmente o momento atual e ainda mais positivamente futuro, projetando uma retomada gradual da atividade do setor ao longo do ano.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Indústria gaúcha cresce em fevereiro, mas otimismo diminui

Sondagem Industrial do RS mostrou, em fevereiro, aumento da produção e do emprego e menor ociosidade. Porém, revelou acúmulo de estoques, além do menor otimismo com a demanda futura.

A Sondagem é uma pesquisa de opinião empresarial realizada mensalmente pela FIERGS para monitorar a evolução da atividade, o sentimento do empresário gaúcho e, dessa forma, a evolução futura do setor.

O índice da produção passou de 51,6 em janeiro, para 53,0 pontos em fevereiro e o de emprego foi para 51,8, ante 51,9 pontos no mês anterior. Valores acima de 50, indicam alta em relação ao mês anterior. Relativamente a janeiro, portanto, ambos cresceram, a produção mais intensamente, já que o índice subiu, e o emprego no mesmo ritmo, dado que o índice ficou praticamente estável. Possivelmente pelo efeito do carnaval em março, os dois desempenhos em 2019 foram superiores ao padrão histórico de fevereiro.

Em fevereiro, houve também menor ociosidade: a utilização da capacidade instalada (UCI) subiu de 67,0% em janeiro para 69,0% e o índice de UCI em relação à usual, aos 46,0 pontos em fevereiro, ficou 2,1 acima de janeiro. Esse último revela que a UCI continuou abaixo, mas ficou mais perto do nível usual (marca dos 50 pontos) do que estava em janeiro.

A indústria gaúcha, porém, apresentou acúmulo de estoques. O índice de estoque em relação ao planejado pelas empresas alcançou 51,3 pontos. Resultados acima dos 50 pontos (nível planejado) indicam acúmulo, fato que não ocorria desde setembro de 2018.

Ainda de acordo com a Sondagem, as expectativas dos empresários gaúchos para os próximos seis meses permaneceram positivas em março, embora em patamares inferiores a fevereiro: o índice caiu de 63,1 para 60,6 pontos. Resultados acima de 50 indicam perspectivas de crescimento. O menor otimismo com a demanda impactou as expectativas quanto ao emprego (de 55,4 para 52,7 pontos) e às compras de insumos e matérias-primas (de 60,7 para 57,7 pontos). Da mesma forma, o índice para as exportações recuou 2,8 pontos na mesma comparação, para 54,1.

Por fim, o índice de intenção de investir da indústria gaúcha nos próximos seis meses cresceu de 52,1 para 54,1 pontos de fevereiro para março. O indicador varia de 0 a 100 pontos, quando a intenção prevalece entre as empresas, o valor é superior a 50 pontos. Em março, a proporção de indústrias gaúchas que declararam ter tal disposição foi de 55,2%, ante 44,8% que informaram o contrário.

Frustração das expectativas para o crescimento de 2019

Na última quinta-feira, o Banco Central do Brasil divulgou o Relatório Trimestral de Inflação (RTI) do primeiro trimestre de 2019. Entre as diversas análises e descrições de cenários presentes no documento, a autoridade monetária atualizou suas estimativas para o desempenho da economia brasileira.

A projeção para o crescimento do PIB em 2019 caiu para 2,0%, um resultado 0,4 ponto percentual inferior à previsão apresentada no RTI de dezembro de 2018. Em linhas gerais, o texto faz menção a quatro fatores que estão associados à redução: 1) menor carregamento estatístico de 2018 para 2019, resultante do crescimento abaixo do esperado no último trimestre do ano passado; 2) desdobramentos da tragédia de Brumadinho sobre a produção da indústria extrativa mineral; 3) reduções em prognósticos para a safra agrícola; 4) moderação no ritmo de recuperação baseada em indicadores de atividade do primeiro trimestre de 2019.

Segundo o BC, pelo lado da oferta, a Agropecuária deverá crescer 1,0% no ano, abaixo da estimativa de elevação de 2,0% de dezembro, principalmente por conta da menor produção esperada de soja. Na Indústria, a expectativa caiu de 2,9% para 1,8%, resultado de recuos nas projeções de crescimento para a indústria de transformação (de 3,2% para 1,8%) e extrativa (de 7,6% para 3,2%). Já nos Serviços, a redução no crescimento esperado de 2,1% para 2,0%

foi justificada pelos impactos em atividades que apresentam significativa correlação com o comportamento da indústria de transformação.

Pelo lado da demanda, entre os dois relatórios, houve recuo na projeção para o consumo das famílias, de 2,5% para 2,2%, em linha com o relativo arrefecimento no ritmo de recuperação do mercado de trabalhos nos últimos meses. A estimativa para os investimentos (FBCF) apresentou ligeiro declínio (de 4,4% para 4,3%), enquanto a projeção para o consumo do governo ficou estável em 0,6%. No setor externo, a expectativa para o crescimento das exportações caiu de 5,7% para 3,9%, por conta da menor safra agrícola, diminuição das exportações de minério como reflexo de Brumadinho, menor crescimento mundial, e fraca recuperação da economia da Argentina. A menor magnitude no crescimento das importações, de 6,1% para 5,6%, ocorreu em função do menor avanço projetado para a indústria de transformação e para os investimentos, bem como da redução na projeção para o consumo das famílias.

Por fim, a expectativa de mercado para o crescimento do PIB de 2019 ficou abaixo de 2,0% pela primeira vez. Segundo a mediana do Relatório Focus/BCB divulgado nessa segunda-feira (01/04), os analistas esperam crescimento de 1,98%. Vale destacar que entre junho de 2018 e fevereiro de 2019 o avanço esperado girou em torno de 2,5%.

Recuperação do mercado de trabalho perde força

Na última sexta-feira (29/03), o IBGE divulgou mais uma edição da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a pesquisa mais abrangente sobre o mercado de trabalho brasileiro. Os dados revelam um comportamento recente desfavorável dos indicadores de emprego e desemprego.

A taxa de desemprego do Brasil foi de 12,4% da força de trabalho no trimestre dez-jan-fev/19, uma elevação de 0,8 ponto percentual (p.p.) na comparação com o trimestre anterior (set-out-nov/18: 11,6%). Nesse período, a elevação da taxa contou com o ingresso de 892 mil pessoas na fila de desempregados e redução de 1,0 milhão de pessoas no contingente de ocupados. Cabe ressaltar que o número de desempregados no País atingiu novamente a marca de 13 milhões de pessoas, o que não ocorria desde o trimestre encerrado em maio de 2018.

Todos os anos ocorrem aumentos na taxa de desemprego nos meses iniciais. O principal motivo é que os trabalhadores temporários, que foram admitidos para as festas do final de ano e desligados em dezembro, engrossam o contingente de desocupados em busca de uma colocação efetiva. Logo, esse movimento já era de certa forma esperado por uma questão sazonal.

No entanto, quando comparada com o mesmo trimestre do ano anterior (dez-jan-fev/18), período em que estava em 12,6%, a taxa atual se mostrou estatisticamente igual, apesar da queda numérica de 0,2 ponto percentual. A mesma constatação vale para os dois trimestres móveis anteriores, com final em jan/19 e dez/18. Em termos simples, as variações foram tão pequenas que podem ter ocorrido por erros amostrais, de modo que não é possível afirmar que as taxas mais recentes são diferentes das observadas há um ano. Portanto, nessa base de comparação, os cálculos do IBGE mostram que houve uma interrupção na queda da taxa de desemprego iniciada no trimestre com final em janeiro de 2018.

O enfraquecimento do ritmo de recuperação da economia brasileira nos últimos meses, que tem provocado sucessivas revisões para baixo nas expectativas de crescimento para 2019 – conforme mostrado no artigo anterior –, ajuda a explicar esse quadro de esfriamento na melhora do mercado de trabalho. A recuperação da economia é condição fundamental para a geração de empregos e consequente queda na taxa de desemprego, o que passa necessariamente pelo equacionamento da crise fiscal do governo.